

## Brasil



**PRESO NA BOLÍVIA**  
Ex-diretor da Gaviões e do PCC  
Elvis Riola foi condenado por morte de agente penitenciário



Área crítica. Desmatamento em Minas Gerais; extinção é pior no interior

## ESTUDO NA SCIENCE

## O VERDE APAGADO

Mata Atlântica tem 65% das árvores ameaçadas de extinção



Raro na mata. Pau-brasil (no centro) não tem mais para onde se dispersar

ANA LUCIA AZEVEDO  
do@globo.com.br

N a Mata Atlântica, o bicho da extinção é mais feio do que o descrito até agora em livros e trabalhos científicos. Do total de 4.950 espécies de árvores encontradas no bioma — algumas também existem no Cerrado ou na Amazônia — 65% estão ameaçadas de extinção. Quando se foca nas 2.025 espécies endêmicas (exclusivas), o percentual sobe para 82%, revelou o mais completo levantamento das espécies nativas do bioma que deu berço e identidade ao Brasil. O estudo foi publicado ontem na revista *Science*.

Entre as espécies em risco de se tornarem apenas relíquias do passado estão algumas das mais conhecidas, como o pau-brasil, a araucária, o jequitibá-rosa, o jacarandá-da-Bahia, o palmito-jacará, o angico, a imbuia, a peroba, a canela-salsafra, a cabreúva, a bráquia e o abacateiro selvagem.

A Mata Atlântica é o bioma mais devastado do país, mas a dimensão da destruição chocou os cientistas.

— Não esperávamos que tantas espécies tivessem se fragilizado — afirma o coordenador do estudo, Renato Lima, professor do Departamento de Ciências Biológicas do campus Piracicaba (Esaq) da USP.

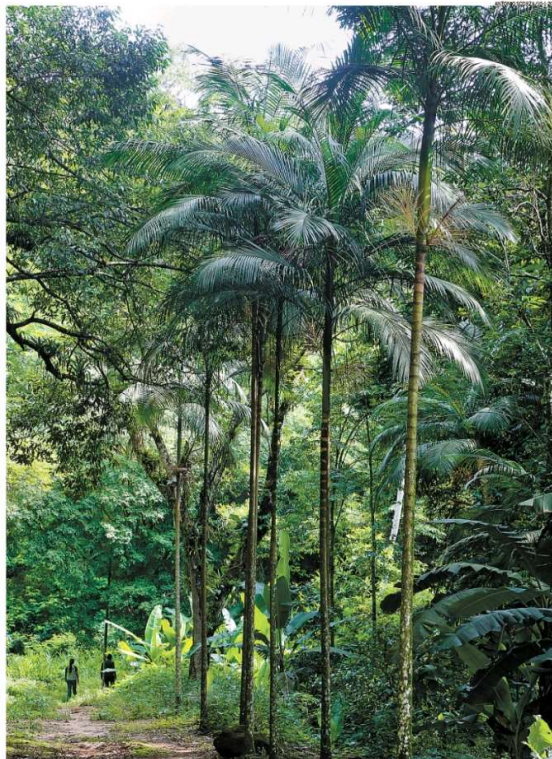
O cenário foi classificado como muito grave porque foram consideradas apenas ameaças já ocorridas, causadas pelo desmatamento. O impacto das mudanças climáticas não foi considerado. Antes desse trabalho, se esperava que existiam dados bem estabelecidos sobre o estado de conservação das árvores da Mata Atlântica. Há 13 espécies endêmicas possivelmente extintas, pois não são encontradas há pelo menos 50 anos.

## ESPÉCIES REDESCOBERTAS

O estudo traz uma boa notícia: cinco espécies consideradas extintas foram redescobertas. Três delas são exclusivas do Estado do Rio de Janeiro. Uma é a *Pouteria stenophylla*, conhecida como pouteria-do-Rio-de-Janeiro. As outras são raras que nem têm nome popular, apenas científico: *Myrcia neocambessedana* e *Compsonia lundiana*. O Rio tem rica flora de espécies exclusivas e também é um dos estados mais estudados do Brasil, o que facilitou a redescoberta.

As outras duas são a *Chrysophyllum januariense*, ou bapêba-veludo, nativa das matas litorâneas do Rio, do Espírito Santo e da Bahia, e a *Fraxinus glaziovii*, encontrada no Nordeste e no Rio de Janeiro.

Os pesquisadores estudaram dados relativos a três



Resistência. Exemplares de pau-miró-jacará na Serra do Tinguá. Estado do Rio é um dos com maior número de espécies exclusivas do bioma mais devastado



Em risco. Araucária em Minas Gerais; espécies conhecidas podem sumir

4.950

espécies de vegetais

Foram identificadas na Mata Atlântica. Muitas delas são encontradas em outros biomas

82%

das espécies exclusivas

Estão ameaçadas de extinção, segundo estudo publicado na revista *Science*

24%

da floresta original continuam preservadas

Em 2,8 milhões de fragmentos de terra, que incluem até áreas de apenas 1 hectare

nescentes somam 12,4%. Segundo o MapBiom, rede de estudos sobre o uso do território brasileiro, a floresta está partida em 2,8 milhões de fragmentos, e mais da metade deles (53,3%) medem até 10 hectares. A floresta continua, com pedaços de mais de 100 hectares, não passa de 7%.

São nos fragmentos isolados que definem as grandes árvores, como o jequitibá e os jacarandás. Muitas vezes, perderam seus polinizadores e não têm quem disperse suas sementes.

— São fantasmas das antigas florestas. Gigantes centenários sem descendência, que levarão consigo todo o patrimônio de sua espécie e o papel que ela exerce na manutenção do bioma — lamenta Lima.

O coordenador do estudo explica que o trabalho distinguia espécies naturalmente raras e podem não estar tão ameaçadas de outras que até parecem numerosas em alguns pontos, mas não tem mais para onde se dispersar.

— No campus da Esaq temos centenas de pau-brasil, todos plantados. Mas na natureza, a espécie está fragmentada — cita, como exemplo.

O fundamental é que a espécie exista no bioma, onde tem um papel ecológico. O abacateiro, muito cultivado, corre risco porque raramente incide na mata.

áreas mais críticas para a extinção são as do interior, em Minas Gerais, no Paraná, em Santa Catarina e em Goiás (onde há alguns remanescentes do bioma). Somados todos os retalhos de floresta da Mata Atlântica, inclusive os que quase são quintais, com mais de 1 hectare (medida equivalente a um campo de futebol), restam 24% do bioma. Porém, considerados apenas os fragmentos com mais de 3 hectares, os rema-

gerações de uma árvore. Um período que varia de três décadas a um século e meio, a depender da espécie — porque a floresta resiste e ainda guarda extraordinária diversidade.

No artigo da *Science*, os estudiosos concluem que "o estado de conservação das florestas tropicais é pior do que o previamente reportado". Além da USP, o trabalho reuniu cientistas do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, res-

ponsável pela elaboração da Lista Vermelha Oficial da Flora do Brasil; da PUC-RJ; da Universidade Regional de Blumenau; do Naturalis Biodiversity Center, na Holanda; e da Universidade de Montpellier, na França. Foram investigados mais de 3 milhões de registros em herbários e inventários florestais.

Desmatada e superexplorada, a mata em cujo domínio vivem 70% dos brasileiros está desfigurada. As